



Revista Brasileira de Linguística Aplicada
ISSN: 1676-0786
rblasecretaria@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

de Souza Ferretti Soares, Vanessa Arlésia

Análise crítica de gênero e o exercício de leitura da palavraramundo: diálogos possíveis
Revista Brasileira de Linguística Aplicada, vol. 16, núm. 3, julio-septiembre, 2016, pp. 335
-364

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339847438002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Análise crítica de gênero e o exercício de leitura da *palavramundo*: diálogos possíveis

Critical genre analysis and the reading of palavramundo exercise: possible dialogues

Vanessa Arlésia de Souza Ferretti Soares*
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir as possibilidades de leitura crítica a partir das noções de leitura enquanto prática social, proveniente da Análise Crítica de Gênero e de leitura da *palavramundo* de Paulo Freire. Para tanto, far-se-á: i) uma apresentação do que seja a ACG; ii) uma discussão acerca da concepção de leitura crítica, fruto da articulação da perspectiva freireana à ACG e, por fim, iii) apresentar-se-á um exemplo de análise de gênero midiático a partir dessas postulações. O artigo se encerra apontando possíveis contribuições dessa discussão para o trabalho de leitura crítica no ensino de língua(gem).

PALAVRAS-CHAVE: Análise Crítica de Gênero; leitura crítica; ensino de leitura.

ABSTRACT: This article aims to discuss the possibilities of critical reading from the notion of reading as a social practice, arising from the Critical Genre Analysis and the reading of *palavramundo*, written by Paulo Freire. To accomplish this, this article will make: i) a presentation about the CGA; ii) a discussion about the concept of critical reading, result of the articulation between Freire's perspective towards CGA, and, finally, iii) a presentation of an example of media genre analysis from these nominations. The article finishes pointing out possible contributions of this discussion to the critical reading in language teaching.

KEYWORDS: Critical Genre Analysis; critical reading; teaching reading.

* vanessa.arlesia@gmail.com

1 Contextualizando a discussão: o campo da Análise Crítica de Gênero

O presente artigo está inserido no que tem sido chamado de Análise Crítica de Gênero (ACG). Como explicam Figueiredo e Bonini (2015), a ACG tem sido pensada, em suas várias proposições (MEURER, 2002; BHATIA, 2008; MOTTA-ROTH, 2008; BONINI, 2010, 2013), como uma aglutinação teórica que toma por base a perspectiva crítica do discurso a partir de Fairclough (2001, 2003), acrescida de uma teoria de gênero (sociorretórica, sistêmica-funcional, dialógica etc.), de modo que “o gênero passa a ser lido como parte da semiose social e como instância de realização da prática social” (FIGUEIREDO; BONINI, 2015, p. 2).

Especificamente, sob a vertente da ACG que utiliza como teoria de gênero o conceitual bakhtiniano (2003), perspectiva na qual se enquadra este artigo, foram realizadas pesquisas como a de Flores (2014), sobre uma campanha publicitária da Johnnie Walker, e de Ferretti Soares (2013), sobre a série televisiva *O sagrado* (a ser discutida adiante). Conforme explica Bonini (2013), tem-se incluído, ainda, no âmbito dessa vertente, aspectos da perspectiva freireana, de modo que a ACG tem sido composta atualmente em três laminationes: i) o conceito de discurso como momento da prática social proveniente de Fairclough (2003); ii) o conceito de gênero e a dinâmica dialogal da linguagem como explicada por Bakhtin (2003); e iii) os conceitos de transitividade crítica, dialogação e autogoverno, como propostos por Freire (2006).

Conforme colocado, a ACG toma como foco de análise o gênero enquanto instância de realização das práticas sociais, de modo que, ao desnaturalizar a maneira de sua constituição, desnaturalizam-se também as práticas das quais ele participa. Tal desnaturalização, termo usado por Fairclough (2001) para tratar dos discursos naturalizados pelo senso comum, que legitimam relações de dominação, pode ser entendida aqui em relação aos conceitos freireanos de transitividade crítica e dialogação, de modo que, ao colocar em relação (transitividade) e também em embate diferentes posições ideológicas (dialogação), o sujeito constrói sua percepção de mundo, que será, nesse caso, o fruto, o consenso, dessas relações intrinsecamente heterogêneas.

Em se tratando de educação, como salienta Freire (1989), o professor assume a posição daquele que promove esse contraponto, que mobiliza diferentes discursos, dentre os quais estão os dos diferentes agrupamentos

sociais com os quais o gênero em análise se relaciona, com intuito de possibilitar a reflexão sobre a relação entre agenciamento linguístico e construção ideológica, ou seja, reflexão e ação crítica a respeito da *palavramundo*¹.

O pressuposto de que agir sobre as formulações genéricas, partícipes do momento discursivo das práticas sociais, é de certo modo agir sobre a própria articulação social nasce a partir da formulação de Giddens (1991), segundo quem, estrutura e eventos mantêm uma relação dialética intermediada pelas práticas sociais. Em outras palavras, há uma dualidade da estrutura social que a torna o **meio** e o **resultado** de práticas sociais. Assim, por um lado, se as estruturas influenciam os eventos sociais, por outro, estes também as constituem, e o ponto de ligação entre ambos são as práticas sociais. Nesse sentido, a estrutura é relativamente estável, uma vez que é dialeticamente determinada pelos eventos sociais. Esse é, então, o ponto de abertura para a transformação social.

A conceituação de práticas sociais que alimenta esse quadro epistemológico é proveniente das postulações de Harvey (1996), tomadas por Chouliaraki e Fairclough (1999), segundo quem práticas sociais são “maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos – materiais e simbólicos – para agirem juntas no mundo” (p. 21). Ainda segundo os autores, a prática social é constituída tanto de discurso/semiose quanto de atividade material, fenômeno mental e relações sociais. Fairclough ressalta o fato de a prática social não se limitar a discursos, mas “articular discurso (como linguagem) com outros elementos sociais não-discursivos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25). A relação entre esses momentos da prática social é de interdependência e sobredeterminação, de modo que nenhum dos elementos é redutível dos outros, mas a rearticulação de qualquer um deles implica rearticulação dos demais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Daí afirmar que a ação sobre o momento discursivo, no aspecto do gênero, implica em ação sobre os demais momentos, tanto do próprio momento discursivo quanto das práticas e, consequentemente, sobre toda a estrutura.

¹ Grosso modo, *Palavramundo* pode ser entendida aqui, a partir de Paulo Freire, como sendo aquilo que deriva da mútua constitutividade entre texto (palavra) e contexto (mundo). Confira essa discussão mais adiante.

Especificamente para análise do gênero discursivo dentro desse quadro epistemológico, utiliza-se, neste artigo, a conceituação bakhtiniana, conforme apontado anteriormente. Nesse sentido, gênero é entendido aqui como tipificações temáticas, compostionais e estilísticas de enunciados discursivos, ou “tipos relativamente estáveis de enunciados” (2003, p. 262), de modo que são mobilizados na análise principalmente os aspectos enunciativos: i) projeto discursivo; ii) tema; iii) estrutura composicional; e iv) estilo.

Em termos metodológicos, aos moldes da Linguística Aplicada enquanto “teorização que considera a centralidade das questões sociopolíticas e da linguagem na constituição da vida social e pessoal” (MOITA LOPES, 2006, p. 22), a análise do gênero parte da evidência de um problema social em que a linguagem tenha um papel eminente. Bonini (2010) considera esse, então, o primeiro passo metodológico da pesquisa, seguido da ação de tornar inteligível a participação do gênero, enquanto instância de realização da prática, nessa situação-problema. Para tanto, orienta a análise a perspectiva interpretativista, ressaltando o fato de que as formas de operacionalização do percurso analítico dependem do objeto de pesquisa (SIGNORINI, 1998). Assim, a ACG pode utilizar várias ferramentas analíticas que envolvam, por exemplo, pesquisa documental (levantamento/análise de exemplares de gêneros, de documentos profissionais etc.) – como é o caso da pesquisa citada neste artigo; pesquisa de tipo etnográfico (notas campo, entrevistas etc.); observação participante (inserção em contextos educacionais com projetos de letramento, cursos de extensão etc.).

Para este artigo, apresenta-se parte da análise empreendida na pesquisa² intitulada “A série televisiva *O Sagrado* e a prática de publicidade institucional indireta da Rede Globo: uma análise crítica de gêneros” (FERRETTI SOARES, 2013), a fim de ilustrar, por um lado, um percurso de leitura de gêneros midiáticos e, por outro, as implicações desse caminho como possibilidade de trabalho com leitura crítica em ensino de linguagem. Antes dessa discussão, no entanto, será abordada a concepção de leitura dentro do quadro epistemológico assumido aqui.

² Pesquisa realizada sob orientação do Dr. Adair Bonini.

2 Uma perspectiva de leitura a partir da Análise Crítica de Gênero

Não é de hoje que pensar em leitura é pressupor que, além de dominar a correspondência grafema/fonema, o leitor agencia, com a materialidade linguística que tem em mãos (seja texto oral, escrito em papel, na tela de um computador ou de um celular), conhecimentos do âmbito sócio-histórico, ou seja, do mundo do qual fazem parte leitor, texto e autor, bem como – e consequentemente – as diversas vozes e seus horizontes axiológicos que são mobilizados nesse encontro propiciado pela leitura³. Ler é, então, uma prática social por meio da qual os homens agem sobre o mundo e com o mundo, construindo-o e construindo a si mesmos em significado; prática que é parte de uma rede de práticas que inclui a produção textual, já que, conforme indica Fairclough (2003), os textos têm efeitos sociais que incluem a produção de outros textos de gêneros variados, desencadeados pela atividade responsiva suscitada pela/na leitura “primeira”. Como postula Bakhtin:

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (2003, p. 271).

³ No Brasil, até meados dos anos 1980, a noção de leitura estava restrita ao conceito de domínio do código linguístico, de modo que a formação do leitor estava vinculada ao processo de alfabetização, ou seja, a competência de relacionar corretamente grafemas e fonemas, de decodificar (RODRIGUES, 2007). Essa concepção, no entanto, tem sido há muito ressignificada. Mesmo estudos de base cognitivista têm reconhecido que uma leitura proficiente requer conhecimentos que estão além do domínio do código linguístico, do processamento textual, da segmentação de textos, embora não os excluam. Assim, Kleiman (2013), por exemplo, aponta para a complexidade das relações empreendidas pelo sujeito leitor entre distintos tipos de conhecimento necessários à compreensão leitora (micro e macrolinguísticos, de repertório cultural, dos usos da escrita). Solé (1998), por seu turno, mostra como o ensino de determinadas atitudes/ações (ter claro o objetivo de leitura, resumir etc.) podem se configurar em estratégias para que o aluno chegue à compreensão de um texto. Nesse sentido, essas abordagens têm se aberto em alguma medida para a relação entre o que é textual e extratextual, embora partam ainda de um foco cognitivista e ou mesmo da prática de leitura enquanto uma ação individual.

Nesse sentido, como explica Freire (1989), ler e escrever (práticas entendidas aqui para além da codificação e decodificação da linguagem verbal, embora não prescindam destas nas sociedades modernas) são práticas “indicotomizáveis” (p. 11).

Enquanto prática social, nos moldes propostos por Chouliaraki e Fairclough (1999), a leitura é parte constitutiva do mundo social, de modo que, em cada ato de leitura, os momentos⁴ constitutivos dessa prática são postos em movimento e se dão de forma sobredeterminada, se retroalimentando na constituição de identidades e, por meio das representações, do próprio mundo social. Quando Freire defende a leitura da *palavraramundo*, em alguma medida, possibilita a compreensão dessa perspectiva. Ao “ler” a situação em que ele próprio falará sobre o ato de ler (em *A importância do ato de ler*), o autor aponta para essa perspectiva, segundo a qual texto e contexto mantêm uma relação de mútua constitutividade num contínuo estrutural:

me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que *se antecipa e se alonga na inteligência do mundo*. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. *Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.* (1989, p. 9, grifos nossos).

Nesse sentido, não há ruptura entre a leitura da palavra e do mundo. Ler um texto é ler seu autor, o contexto histórico, as condições de produção desse texto, ou seja, a leitura implica tanto o domínio do código linguístico (leitura da palavra) quanto a compreensão profunda do mundo, do lugar que nele ocupam o texto, o autor e, principalmente, o si enquanto sujeito-leitor. Assim, implica a leitura da *palavraramundo*. Também implica ler a leitura que

⁴ Veja que ao discutir a leitura numa perspectiva antropológica, Goulemot (2001), por exemplo, também a toma como uma prática cultural que envolve aspectos físicos, psíquicos e relacionais, muito próximo da abordagem deste artigo para o conceito de práticas sociais.

outros sujeitos fazem do mundo, já que a instância que medeia as relações sociais – o que Bakhtin (1997) vai chamar de enunciado – é a instância em que a vida penetra na língua e a língua penetra na vida, de modo que a leitura não se esgota na palavra, na língua, mas, como bem disse Freire acima, se “alonga na inteligência do mundo”.

Segundo o autor (1989, p. 13), “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. Nesse sentido, a leitura é escrita enquanto fenômeno semiótico⁵. Em outras palavras, essa prática consciente é alimentada por uma leitura – desejada crítica, aqui – dos gêneros que se apresentam. Ao ler, constrói-se com o outro – o autor e os outros que nos constituem – os sentidos do texto. Geraldi (1991) aponta de forma bastante significativa para esse processo, quando descreve a leitura enquanto tecelagem conjunta:

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentidos; não são mãos livres que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua história – se o fossem, a leitura seria um outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o, apagando-o, substituindo-o. São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecelagem do mesmo e outro bordado. É o encontro destes fios que produz a cadeia de leituras construindo os sentidos de um texto. E como cadeia, os elos de ligação são aqueles fornecidos pelos fios das estratégias escolhidas pela experiência de produção do outro (o autor) com que o leitor se encontra na relação interlocutiva de leitura. A produção deste leitor é marcada pela experiência do outro, autor, tal como este, na produção do texto que se oferece à leitura, se marcou pelos leitores que, sempre, qualquer texto demanda. Se assim não fosse, não seria interlocução, encontro, mas passagem de palavras em paralelas, sem escuta, sem contrapalavras: reconhecimento ou desconhecimento, sem compreensão. [...] O texto é, pois, o lugar onde o encontro se dá (p. 166-167).

⁵ Essa tese pode ser relacionada com a perspectiva bakhtiniana de “compreensão ativa responsiva”.

Quando essa “construção”, “leitura/escritura”, se dá por meio de uma inserção profunda nas relações implicadas na *palavramundo*, ela se relaciona com o processo ao qual Freire (2006) chama de “consciência transitiva crítica”, que acarreta compreender em profundidade as formas pelas quais o mundo está sendo escrito, de modo a poder transformá-lo, reescrevê-lo. Tal consciência se relaciona com uma atitude reflexiva, portanto crítica, e não reflexa, uma vez que o homem é um ser de **relações**, que transcende, age no mundo, integra-se ao contexto, e não um ser de **contato**, que simplesmente se adapta, se acomoda na História e na Cultura escritas por outros homens (p. 50).

Apesar dessa “vocação” para “ser mais”, o homem pode encontrar-se, segundo Freire (2006), num estado de consciência intransitiva, em que, mesmo sendo um ser ontologicamente aberto, mantém-se (e/ou é mantido) impermeável a desafios situados fora da órbita vegetativa⁶. Nesse caso, há uma limitação na esfera de apreensão da causalidade dos eventos que o cercam. Assim, como afirma o autor, “a intransitividade representa um quase incompromisso do homem com a existência” (p. 68). A possibilidade de transitivar, de ser um ser de relações e não mais de contato apenas, se encontra no que o autor chama de “dialogação”, processo pelo qual o homem “amplia seu poder de captação e de resposta às sugestões e às questões que partem de seu contorno, não só com o outro homem, mas com o seu mundo” (p. 68). Por meio da dialogação, argumenta Freire, o homem se faz histórico, existe⁷. Nas palavras de Figueiredo e Bonini (2015), a dialogação em Freire tem a ver com “a construção do consenso⁸ e da mediação pelo embate de posições” (p. 4).

⁶ A manutenção do homem na sua órbita vegetativa pode ser discutida em consonância com o papel e a qualidade dos bens culturais nos quais esses sujeitos estão imersos na cultura. É possível que, em alguma medida, a “forma de escritura” do mundo nesses bens culturais fomente a manutenção dessa limitação do ser em “ser menos”, da intransitividade, embora elas mesmas pressuponham a relação/contato desse ser com esses bens. Nesse sentido, haveria uma contradição entre a natureza ontológica aberta do ser e a tentativa de certo fechamento nas formas vegetativas de vida.

⁷ Essa concepção de sujeito é a mesma expressa por Geraldi quando fala do sujeito constituído e afirma que o homem é um “sujeito que é história junto com a história de outros” (GERALDI, 2010, p. 145).

⁸ “Consenso” aqui deve ser entendido como síntese dialética, o que não pressupõe a concordância em totalidade ou a junção de ideias que são tomadas na totalidade de cada uma (não há uma soma de totalidades, até porque a própria concepção de totalidade tem sido larga e eficientemente problematizada em estudos neomarxistas); mas como fruto de uma “junção”, mais próxima de uma “mistura”, “hibridização”, que gera, por sua vez, algo novo e diferente do que havia nas idéias de “origem”, que “suspende” ou “transforma” as diferenças e/ou as “contradições” em prol de uma nova concepção,

É justamente tornar possível o processo de dialogação, a fim de alcançar não somente a consciência transitiva (promover a “relação entre as visões de mundo”), mas a consciência transitiva crítica, que possibilite o autogoverno, isto é, “a possibilidade da autonomia dos atores sociais pela crítica e tomada de posição” (FIGUEREDO; BONINI, 2015); o que a leitura orientada pela ACG objetiva, em se tratando de ensino de linguagem, especificamente neste artigo: de práticas de leitura. Nesse sentido é que se entende a expressão “leitura crítica”, como dialogação enquanto processo que possibilita a transitividade de consciência e a ação reflexiva, a profundidade na interpretação, por meio do embate de posições, dos problemas quanto ao mundo que cerca o homem, quanto aos outros sujeitos com os quais este se relaciona (direta ou indiretamente) e quanto a si mesmo.

3 A pesquisa “A série televisiva *O Sagrado* e a prática de publicidade institucional indireta da Rede Globo: uma análise crítica de gêneros”

Como proposto no início deste artigo, nesta seção serão apresentados, de modo não exaustivo, alguns resultados da pesquisa “A série televisiva *O Sagrado* e a prática de publicidade institucional indireta da Rede Globo: uma análise crítica de gêneros”, para, na seção seguinte, relacioná-los à prática de leitura crítica nos moldes apresentados. Tal pesquisa, em conformidade com a proposta teórico-metodológica apresentada na Seção 1, foi motivada por uma situação-problema que tem a linguagem como elemento central (MOITA LOPES, 2006): o fato de a Rede Globo constituir, ao longo da história brasileira, um monopólio midiático que exerce poder simbólico (THOMPSON, 1998), sendo instrumento de legitimação da ideologia

que passa a ser hegemônica para o sujeito. É interessante pensar esse “consenso” a partir do, embora deslocado, conceito de hegemonia em Gramsci. Segundo coloca Gruppi (1978, p. 70), “A hegemonia é isso: capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido um bloco social que *não é homogêneo*, mas sim marcado por profundas contradições de classe. Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante até o momento em que – através de sua ação política, ideológica e cultural – consegue manter articulado um grupo de *forças heterogêneas*, consegue impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leva à recusa de tal ideologia, fato que irá coincidir com a crise política de forças no poder”. É claro que foi feito aqui um paralelo do conceito de hegemonia, utilizado na explicação da organização social, para tornar inteligível algo que é, neste recorte, intrassubjetivo.

neoliberal na América Latina, fato esse que, como têm demonstrado inúmeros estudiosos (GUARESCHI, 1987; BRITTOS; BOLAÑO, 2005), contribui em grande medida para o que tem sido nomeado de “clientelismo” ou ainda “coronelismo eletrônico” (SANTOS, 2006; LIMA; LOPES, 2007): um mecanismo que impossibilita a propagação da diversidade de orientações ideológicas⁹, sobretudo na rádio, televisão e no jornalismo impresso, pautado no não pluralismo, tanto interno quanto externo, das mídias nacionais (AGUIAR, 2012).

A partir dessa problemática, a pesquisa analisou o programa *O Sagrado* (Rede Globo/Brasil) enquanto prática social, tomando como aspecto saliente o fato de que a mesma emissora, que se constituiu historicamente do modo apresentado acima, se propunha a visibilizar uma discussão sobre pluralidade (religiosa, no caso do programa), assunto que está em pauta também nas discussões da política local brasileira¹⁰, sobretudo, quando se pensa na relevância do tema sobre a (não) participação de grupos religiosos e minorias diversas em práticas políticas e de convivência cultural¹¹, cujos efeitos são vistos inescapavelmente nas práticas sociais da vida cotidiana dos brasileiros.

A análise mostrou que, segundo a Rede Globo (2011b), essa visibilidade se dá mediante uma prática de “responsabilidade social corporativa”, realizada

⁹ Pode-se articular esse quadro social à manutenção do processo de intransitividade (FREIRE, 2006) apontado.

¹⁰ É extremamente importante que haja articulação entre os temas de interesse local (caso contrário, estaria sendo opositiva à proposta educacional freireana adotada neste artigo) e global. Os estudos de letramento (STREET, 1984, 2010), por exemplo, e os próprios trabalhos de Paulo Freire têm demonstrado a imprescindível necessidade de gerar temas do contexto do aluno, mas apontam também que, a partir desses temas, deve-se desenvolver um trabalho de “estranhamento” das percepções que envolvem esse conhecimento local, de modo a problematizá-lo em consonância com seu lugar nas discussões globais. Como afirma Freire (2006, p. 122) “são situações locais que abrem perspectivas, porém, para análise de problemas nacionais e regionais”. Considerando tal pressuposto, é importante ressaltar que a presente proposta é somente **uma proposta**, que, não tendo sido desenvolvida no âmbito de uma escola específica, numa classe de alunos específica, apresenta limitações no que tange a essa articulação estrita e empiricamente local, por assim dizer. Apesar disso, saliento o local aqui em termos de nação brasileira em relação ao contexto do capitalismo global, o que parece plausível, dadas as possibilidades de recortes analíticos desses contextos (local/global).

¹¹ Sobre esse papel dos grupos religiosos, sobretudo os de cristão/evangélicos, na política, conferir Machado, 2010, 2012; Machado; Piccolo ,2010.

por meio do/no programa *O Sagrado*, foco de análise da pesquisa em pauta, exibido de segunda à sexta-feira, às 6 horas da manhã, com duração de 2 minutos, tendo parte (30 segundos) repetida durante na programação diária, sendo formatado de modo a hibridizar¹² os gêneros entrevista e reportagem. Os episódios analisados na pesquisa foram exibidos entre outubro de 2009 e setembro de 2011 e se estruturaram conforme a figura abaixo. Alguns temas discutidos no programa são: violência urbana, liberdade de expressão, liberdade sexual, lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo, entre outros.

Abertura da série	
01	Imagen do slogan do programa e música
02	Apresentação de uma epígrafe por um artista da emissora (close-up médio no artista)
Contextualização do assunto abordado e pergunta ao representante religioso	
03	Texto verbal na voz de um narrador
	Veiculação de imagens concomitantes ao texto verbal
Fala do representante religioso	
04	Imagen com o símbolo da religião e música de fundo
05	Imagen do religioso falando sobre e/ou respondendo ao assunto (close-up médio, ao fundo há o símbolo da religião)
Contextualização do assunto abordado e pergunta ao representante	
06	Texto verbal na voz de um narrador
	Veiculação de imagens concomitantes ao texto verbal
Fala do representante religioso	
07	Imagen do religioso falando sobre e/ou respondendo ao assunto (close-up médio, ao fundo há o símbolo da religião)
Fechamento do programa:	
08	Imagen do slogan do programa e música
09	Imagen da marca das instituições realizadoras do programa (Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura)

Figura 01: *O Sagrado*: organização composicional

Fonte: Ferretti Soares, 2013, p. 143

¹² Aspecto discutido na Subseção 3.2, adiante.

Tendo elencado o gênero discursivo para análise e a problemática social¹³ com a qual ele se relaciona, a pesquisa seguiu com verificação da materialidade linguística, ou seja, o texto que se tem em mãos. Como se trata de um programa em vídeo, *O Sagrado* foi transscrito nos moldes de Rose (2014) para compor os dados da pesquisa, mas “textos” desse tipo poderiam ser, na sala de aula, assistidos pelos alunos.

O percurso analítico se deu de modo a responder as seguintes questões: i) de que rede de práticas sociais institucionais *O Sagrado* participa?; ii) em que gênero discursivo, dessa rede de práticas sociais, *O Sagrado* se constitui?; iii) como *O Sagrado* é organizado em seus aspectos de enunciado? e iv) quais são os discursos a respeito das temáticas sociais que perpassam esse gênero televisivo e como eles são articulados? Essas questões nortearam a organização da pesquisa, podendo ser reagrupadas, para os fins deste artigo, nos seguintes tópicos (que serão abordados nas subseções seguintes): i) contextualização de *O Sagrado* na rede de práticas institucionais da Rede Globo; ii) análise dos aspectos genéricos (interlocutores, projeto discursivo, conteúdo temático e estrutura composicional) de *O Sagrado* e sua relação com o gênero propaganda institucional indireta; e iii) explicação de possíveis efeitos discursivos favorecidos pela articulação dos aspectos genéricos em relação a um dos assuntos abordados explicitamente no programa: a violência urbana. Esse percurso analítico pode subsidiar a mobilização de perguntas acerca dessas instâncias que contextualizam socialmente o gênero discursivo e possibilitam a leitura crítica, isto é, a compreensão em profundidade das formas pelas quais o mundo está sendo escrito (FREIRE, 1967). Vejamos nas subseções abaixo os resultados da pesquisa sobre cada um desses tópicos

¹³ Veja que num gênero, sendo um construto social, põe-se em relação uma multiplicidade de temas (assuntos) sociais. No caso do programa *O Sagrado*, enquanto pesquisadora, o assunto que me motivou foi a proposta de pluralidade feita por uma empresa que tradicionalmente constrói um discurso homogeneizador. No entanto, o que pode motivar os alunos é a discussão mais localizada sobre “orientação sexual”, assunto discutido no programa, por exemplo. Aqui, cabe ao professor, enquanto analista da *palavramundo*, perceber os atravessamentos temáticos possíveis para a “entrada do texto” numa primeira leitura com os alunos, por um lado, mas também o afastamento dessa leitura inicial e a volta ao texto com sua contextualização, sua relação com o mundo, por outro lado. Nesse segundo sentido é que o conceito de tema do enunciado (na perspectiva teórica bakhtiniana) pode ser posto em funcionamento, embora não com essa complexidade metalinguística para os alunos, mas sim como subsídio teórico-metodológico para o professor.

para, na seção posterior, apontar a relação desse percurso e resultados com as práticas de ensino de língua(gem).

3.1 Contextualização de *O Sagrado* na rede de práticas institucionais da Rede Globo

A pesquisa em pauta mostrou, por meio da busca de informações sobre o programa em documentos institucionais de domínio público¹⁴, como “Formatos comerciais” e “Relatório de ações sociais” (REDE GLOBO, 2005, 2011b), bem como em bibliografia que concerne à discussão de ações desse tipo no âmbito das instituições corporativas (PINHO, 1990; GRACIOSO, 1995; SAMPAIO, 2003, MACHADO FILHO, 2002 entre outros), que *O Sagrado* é parte de uma rede de práticas institucionais denominadas de “ação de responsabilidade social” (REDE GLOBO, 2011b).

Esse tipo de ação, segundo apontam os estudiosos, é uma estratégia de fortalecimento da marca institucional e rende significativos retornos financeiros às empresas (isenção de impostos, aumento nas vendas etc.). Tais ações se configuram em práticas de publicidade indireta (SAMPAIO, 2003) que relacionam, sobretudo, um produto e/ou uma marca a um perfil de consumidor, que na modernidade tardia tem sido identificado por um “consumismo hedonista” (BAUMAN, 2001). Nesse sentido, é o valor de identidade de “empresa inclusiva” que está em pauta na publicidade construída em *O Sagrado* e, consequentemente, do lado do telespectador religioso, certo sentimento de representatividade e identificação. O caráter semiótico desses “valores” permite, justamente, a manipulação do discurso como uma tecnologia para construção de contextos de consumo em que os produtos vendidos por uma empresa qualquer passam a carregar valores subjetivos como o da liberdade e pluralidade, que agregam status e permitem sensações mistificadas ao sujeito que os compra/consome.

Nesse sentido, há aqui um fetichismo da mercadoria¹⁵ (ZIZEK,

¹⁴ Tais documentos são “de domínio público” porque estão ambos disponíveis da rede mundial de computadores em páginas da própria Rede Globo.

¹⁵ Para Zizek, “A noção marxista de ‘fetichismo da mercadoria’ é exemplar nesse contexto: designa, não uma teoria (burguesa) da economia política, mas uma série de pressupostos que determinam a estrutura da própria prática econômica ‘real’ das trocas de mercado – na teoria, o capitalista agarra-se ao nominalismo utilitarista, mas, na prática (da troca etc.), segue os ‘caprichos teológicos’ e age como um idealista especulador. Por essa razão, a referência direta a coerção extra-ideológica (do mercado, por exemplo) é um gesto ideológico por excelência: o mercado e os meios de comunicação (de massa) estão

1996), isto é, o envolvimento do ato de compra/consumo de todo o arcabouço ideológico que envolve e sustenta o próprio sistema enquanto estrutura capitalista, para além do que seria semiótico, incluindo o que é da ação material, ou seja, por meio de sua semiotização. Em outras palavras, não se compra um creme, se compra a juventude; não se paga por um café, se paga por um café junto do qual vem o alívio de consciência por saber que a empresa que vende tal produto ajuda “as crianças pobres na África”. Em alguma medida, essa situação se relaciona com aquilo para o que Fairclough (2001) tem apontado: o capitalismo depende cada vez mais de tecnologias discursivas para a criação e fortalecimento de marcas que garantam o sucesso econômico das empresas e, por conseguinte, a manutenção do próprio sistema.

Assim, é perceptível que é se debruçando, enquanto leitor crítico, sobre o texto, atentando para a rede de práticas das/nas quais este emerge e o contextualizando enquanto ação localizada na estrutura social mais ampla, que se vivencia o processo de leitura crítica, ou nas palavras de Freire: a leitura da *palavramundo*. Neste momento do processo, assim, dá-se uma leitura mais focada no aspecto “mundo” da *palavramundo*.

3.2 Análise dos aspectos genéricos de *O Sagrado* e sua relação com o gênero propaganda institucional indireta

A pesquisa em pauta mostrou, a partir de documentos da emissora e na bibliografia que discute as “ações de responsabilidade social” enquanto estratégias corporativas de publicidade institucional indireta, que *O Sagrado*, enquanto gênero discursivo, é uma **propaganda institucional indireta**. Os elementos enunciativos que compõem esse gênero, entendidos dentro do contexto empresarial da Rede Globo, localizam-no nessa rede de práticas, ou seja, seu projeto discursivo, seu conteúdo temático e sua estrutura composicional apontam para um discurso de construção de uma marca (*branding*) ligada a características valoradas positivamente e que, portanto, promovem a emissora.

Essa conclusão da pesquisa, no entanto, não ignora as tensões que atravessam a interpretação desses aspectos enunciativos, afinal é preciso considerar, como coloca Bakhtin (1997), que “percebemos o que o locutor quer dizer e é em comparação a esse intuito discursivo, a esse querer-dizer

dialecticamente interligados; vivemos numa ‘sociedade do espetáculo’ (Guy Debord) em que a mídia estrutura antecipadamente nossa percepção da realidade e a torna indiscernível de sua imagem ‘esteticizada’” (ZIZEK, 1996, p. 21).

(como o tivermos captado) que mediremos o acabamento do enunciado” (p. 300). Em outras palavras, essa “captação” é do leitor e será tanto mais crítica, no sentido freireano do termo, quanto mais este se aprofundar na análise das relações que tal gênero comprehende. Desse modo, trazer à tona essas relações não significa deixar de assumir uma interpretação da questão social posta, ou seja, de assumir o consenso a partir da dialogação e uma consciência transitiva crítica, para usar os termos freireanos. Veja-se, então, o que apontou a pesquisa quanto aos aspectos enunciativos¹⁶ elencados para a análise.

Como já apontado, o projeto discursivo, ou seja, o querer dizer da emissora, se constitui na construção de uma identidade ligada a “valores” como inclusão e diversidade. Isso ficou evidenciado de duas formas: nas relações depreendidas no contexto das práticas institucionais – aspecto já tratado na subseção anterior – e também das relações entre gêneros discursivos promocionais (diretos e indiretos) da empresa. Essa segunda forma de entender esse projeto discursivo permite evidenciar a relação dialógica entre a construção discursiva dessa propaganda indireta com a das propagandas diretas, cujo slogan – “A gente se liga em você” (REDE GLOBO, 2011a) – resume o discurso institucional em que a emissora parece “se voltar” para o telespectador, colocando-o no centro da atenção e parece não exigir a atenção dele para ela, embora o intuito final de uma entidade comercial seja esse último.

Nas peças das campanhas institucionais diretas ao longo de 2011, por exemplo, a emissora utilizou apresentadores, jornalistas e atores (que são seus produtos), da mesma forma que o fez em *O Sagrado*, sendo que naquele caso, segundo a emissora, para contar explicitamente a história de “companheirismo e conexão construída junto ao público”. Na primeira peça, Pedro Bial narra como a televisão e os telespectadores estão agora mais próximos e enfatiza que agora é “a gente [a Rede Globo] que se liga em você [telespectador]”:

¹⁶ O leitor perceberá que utilizei diferentes termos – aspectos genéricos; aspectos enunciativos – para indicar os aspectos como conteúdo temático, projeto discursivo, estrutura composicional etc. Isso se deve ao fato de que, sendo o gênero um “tipo de enunciado relativamente estável”, há aqui uma intercalação ou sobreposição conceitual, de modo que esses aspectos enunciativos são, portanto, também genéricos. Cabe ainda apontar o fato de que, embora a pesquisa seja de gênero, focalizei aspectos enunciativos, pois não observei um número maior de exemplares de propagandas institucionais indiretas, tendo utilizado essa conceituação a partir dos estudiosos que já pesquisaram sobre esse gênero, embora não a partir da perspectiva da linguística.

E, assim, de emoção em emoção você acaba enxergando sua vida dentro da nossa através de uma sintonia que, afinal de contas, não tem nada de mágica. Ela é real e existe por um único motivo: a gente se liga em você (REDE GLOBO, 2011a, n.p.).

Em *O Sagrado*, os atores que aparecem na abertura de cada episódio têm, pessoalmente ou por meio de uma personagem que tenham interpretado, relação com a religião que apresentam¹⁷ e, consequentemente, com os telespectadores que professam aquela religião, o que encaminha a construção pelo telespectador de um sentimento de “familiaridade”, de “representatividade”. Nesse caso, a Rede Globo busca, discursivamente, se mostrar inclusiva, como uma empresa que se importa com o telespectador, que incentiva a participação de diversos tipos de telespectadores em sua programação, que os representa. Tal discurso, no entanto, pode ser colocado em tensão, com foco na dialogação por meio do embate de posições, para usar a perspectiva freireana, quando relacionado ao todo do enunciado, aos seus outros aspectos constitutivos.

A análise do conteúdo temático aponta para tensões que podem ser colocadas da seguinte forma: de um lado, uma leitura restritiva de cada episódio analisado individualmente aponta para o fato de a discussão que ocorre na série ser entre representantes religiosos e telespectador. Por outro lado, ao ler em profundidade, buscando as relações que se estabelecem a partir do programa, em sua totalidade (enquanto enunciado), é possível perceber que o conteúdo temático ali não são os assuntos sobre os quais os representantes falam explicitamente, mas são os próprios representantes e as religiões que simbolizam, sua posição diante do assunto que abordam. Nesse sentido, os religiosos passam de interlocutores a objeto de dizer, tema. Isso pode ser exemplificado mediante o excerto a seguir:

Narrador¹⁸: Nas sociedades democráticas manifestar opiniões e ideias é um direito garantido por lei. Mas as instituições religiosas estão abertas à crítica e ao diálogo mesmo quando feitas por outras religiões?

¹⁷ O ator Stênio Garcia, que apresenta o Islamismo, por exemplo, fez um personagem islâmico bastante conhecido, o “Tio Ali”, na novela *O Clone*. A atriz Nathália Timberg é judia e apresenta o judaísmo e assim por diante.

¹⁸ O termo “narrador” indica, na pesquisa, a voz que narra o texto contextualizador do assunto antes da fala do representante religioso. (Programa apresentado pela Rede Globo, dia 20 de janeiro de 2010).

Nesse excerto, percebe-se que o religioso é chamado a responder questões que já traçam um perfil identitário construído pela emissora para essa perspectiva religiosa, ou melhor, para os que professam tal perspectiva. No fragmento, percebe-se que a liberdade de expressão é entendida como um direito conquistado (“Nas sociedades democráticas manifestar opiniões e ideias é um direito garantido por lei”) ao qual a religião (em questão) se opõe. Essa oposição é expressa pela emissora a partir dos usos específicos da linguagem em dois aspectos. O primeiro é a utilização do operador argumentativo “mas”, que introduz uma oração que contraria a anterior. Nesse caso, tem-se que a religião é tradicionalmente contrária à manifestação de opiniões e ideias, o que é expresso na primeira oração.

O segundo aspecto, aliado ao primeiro, é que a afirmação de que a religião é intolerante é feita de maneira implícita (é uma pergunta, do ponto de vista locacional, mas é uma afirmação, do ponto de vista ilocacional) e é também uma exigência à religião para que esta mude de postura, ou seja, passe a aceitar as críticas e opiniões divergentes (“Mas as instituições religiosas estão abertas à crítica e ao diálogo [...]?”). A valoração negativa da religião é ainda ratificada quando a emissora afirma que “mesmo as outras religiões” fazem críticas à religião em questão. Nesse caso, é perceptível que há uma focalização da religião como objeto de discurso nesse episódio. A pesquisa mostrou que esse estilo de linguagem, no entanto, também é sustentado quando se trata de outras religiões e outros assuntos, havendo um contínuo de valoração das religiões cujos pólos são “valoração altamente positiva” e “valoração altamente negativa”.

Aliado ao projeto discursivo e conteúdo temático, a manipulação da estrutura composicional apontou também para a construção de discurso institucional que busca legitimar a emissora como uma empresa inclusiva, embora esse discurso também não esteja isento de tensões. Dois aspectos da organização composicional se sobressaíram na análise: a hibridização de gêneros e a articulação das dimensões verbal e não verbal.

No que tange à hibridização de gêneros, *O Sagrado* imbrica aspectos tanto da entrevista quanto da reportagem. Da primeira, explora a estrutura pergunta-resposta (como pode ser visto nas cenas 28-31 da dimensão verbal, na figura a seguir), ao que a dimensão não verbal corrobora a veiculação da imagem do “entrevistado” em close-up médio (cena 31):

Localização	Cenas em minutos	Dimensão visual		Dimensão verbal
			Enunciadores	
01:04	19	Peça teatral	N:	Através da expressão artística podemos manifestar desejos e aspirações individuais e sociais.
	20	Mãos desenhando		
	21	Pintura de Cristo levando a cruz		
	22	Grafite		
	23	Poemas nas colunas de viadutos do Rio de Janeiro		
	24	Desenhos de mãos escrevendo		
	25	Pintura de homem lendo com lupa		
	26	Pinturas e esculturas no teto de igreja		
	27	Manchete de jornal com o título: [Igreja critica novo livro de Saramago]		
	28	Texto (de jornal) com o título: [Filme “Paixão de Cristo” tem problemas com a censura] (câmera segue o título como se estivesse lendo)		
	29	Homem carregando uma cruz		
	30	Abertura de série da emissora: [O 2RC: Pagador de Promessas]		
	01:26	Close-up médio no representante	Ainda que comum a todas as épocas, o encontro da arte e a religião pode gerar conflitos.	A censura religiosa à manifestação artística não fere o direito de livre expressão?
		Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito		
		Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [MARIA CLARA BINGEMER]		
		Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas/PUC-RJ)]		
		[...]		

Figura 02: Excerto de transcrição de um episódio de *O Sagrado*: da estrutura pergunta-resposta

Fonte: Ferretti Soares 2013, p. 155

Diante dessa estruturação, tem-se, por um lado, a impressão de que são os representantes religiosos que falam. Em termos enunciativos, parecem ser eles e o telespectador os interlocutores desse enunciado, sendo que os primeiros protagonizam a discussão. Por outro lado, a partir de uma leitura crítica que considere as relações do contexto da prática social da qual o gênero é instância de realização, percebe-se que é a Rede Globo quem fala e dá o recorte ao enunciado, principalmente pela voz do narrador, que recontextualiza a fala dos representantes.

Ambas as asserções, colocadas em relação, possibilitam perceber uma convergência a respeito do intuito de dizer, segundo o qual a Rede Globo inclui uma diversidade de vozes, como apresentado no projeto discursivo, sendo que esta se dá na medida em que há um apagamento do fato de que essas vozes são editadas e recontextualizadas no enunciado que é, ao fim e ao cabo, da própria emissora, aspecto que só é alcançado por meio da leitura crítica, que dê conta da *palavramundo* (FREIRE, 1989). Assim, é justamente nesse entremeio de possibilidades de leitura que o efeito de pluralidade é alcançado, tornando possível perceber como a organização do gênero é usada como um fim estratégico ao modo de uma tecnologia discursiva (FAIRCLOUGH, 2003).

Ainda sobre a hibridização de gêneros feita em *O Sagrado*, a análise demonstrou que, do gênero reportagem, tenta-se produzir o mesmo efeito de imparcialidade no “aprofundamento” dos fatos. Isso se dá por meio da voz do narrador acompanhada de imagens que introduzem o assunto ao representante, questionando-o. Embora a reportagem seja um gênero em que se segue uma linha editorial, isso também é apagado por um discurso em que a emissora se coloca como uma leitora imparcial dos fatos, ou seja, ela os “descreve” e não explicita essa descrição como sendo a “sua”, mas como sendo “a descrição dos fatos”. Isso se dá linguisticamente por meio de afirmativas e pressuposições acerca dos assuntos tratados, como ocorreu no tratamento da liberdade de expressão, em que na dimensão verbal, por exemplo, se afirma essa liberdade como um direito garantido (confira discussão da Figura 1). Já na dimensão visual, por outro lado, se restringe a liberdade de expressão à liberdade de imprensa¹⁹, ao apresentar esse assunto nas primeiras cenas,

¹⁹ No início dos episódios, ocorre essa restrição de assunto, sendo que na sequência dos vídeos há menção de outras formas de liberdade de expressão além da de imprensa, como a pintura, a literatura etc. Essas, porém, geralmente são relacionadas ao histórico

como exemplificado abaixo:

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_20.01.10_Liberdade de expressão_Evangélicas_2'01"				
Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual		Dimensão verbal
				Enunciadores
00:05	2	Quadro com imagem de um santo esculpido	N:	Na série Sagrado
		3 Close-up máximo e mãos femininas idosas que seguram um terço		
00:07	4	Página de jornal com a manchete: [Associações de jornais se preocupam com a liberdade de expressão]		a liberdade de expressão

Figura 03: Excerto de transcrição de um episódio de *O Sagrado*: da contextualização de sentido pela dimensão visual

Fonte: Ferretti Soares, 2013, p. 158

Além disso, há nessa contextualização, aos moldes de uma reportagem, a utilização massiva de manchetes e cenas de telejornais, de modo que a emissora explora o caráter pseudoinformativo do discurso jornalístico²⁰, conferindo um peso de “verdade” ao que é dito. Esse ponto indica o segundo aspecto relevante sobre a organização composicional do gênero, ou seja, à manipulação das dimensões verbal e não verbal²¹.

Nesse item, *O Sagrado* é composto, grosso modo, de dois tipos de imagens: i) a do representante em close-up médio durante sua própria fala e ii) o conjunto de imagens que compõem a contextualização do assunto pelo narrador durante a fala deste. O primeiro tipo de imagem implica, substancialmente, em criar o discurso de que se está dando visibilidade ao representante, bem como reconhecimento de sua autoridade, como aponta o enquadramento em close-up médio (ROSE, 2014).

de “censura” da religião que é tomada como objeto de dizer, como ocorre com o catolicismo na Figura 01, por exemplo, e sua relação com os episódios descritos nas notícias veiculadas na dimensão visual.

²⁰ Cf. MARSHALL, 2003; FAIRCLOUGH, 2001.

²¹ Os termos “dimensão visual” e “dimensão não verbal” são usados como sinônimos.

O segundo tipo de imagem retrata aspectos da construção discursiva da emissora que delineiam as falas dos representantes. Nesse sentido, é produtivo ressaltar que, na dimensão visual, a emissora optou por utilizar, em grande parte, o discurso da própria mídia de massa quando discutiu a violência urbana, por exemplo, o que ficou claro na utilização de imagens de reportagens de jornais impressos e cenas do telejornalismo em substantiva parte das cenas (39,6%²²), confirmando aquilo que Bourdieu (1997) aponta como sendo uma homogeneização das hierarquias de importância, ou seja, um fechamento para assuntos e pontos de vista sobre esses assuntos, determinados pelos que controlam os meios de comunicação de massa.

A pesquisa revelou também que a demarcação entre voz religiosa e voz institucional por meio da dimensão não verbal só é quebrada quando há convergência entre o que diz o religioso e o que diz o narrador, de modo que o enunciado institucional valoriza positivamente o objeto de discurso (no caso do judaísmo, p.e.), ao passo que a delimitação rígida entre essas partes é bem marcada quando a valoração da emissora sobre o objeto discursivo é negativa (no caso do islamismo, p.e.).

Tendo em vista que a abordagem da emissora sobre as religiões é feita utilizando como pano de fundo assuntos que participam dos debates do PNDH²³, entre os quais se destacaram nos dados de análise na pesquisa “a liberdade de expressão”, “o papel da mulher na sociedade contemporânea” e “a violência urbana”, discursos sobre esses assuntos atravessaram, obviamente, o enunciado escopo da pesquisa. Em outras palavras, mesmo que a emissora trave um diálogo com o telespectador, mostrando o quanto é “inclusiva”, pelo fato de dar visibilidade às perspectivas religiosas, ela se utiliza dessas vozes para tecer discursos também a respeito dos temas que participam desse enunciado. Nesse sentido, é parte da leitura crítica a análise desses atravessamentos discursivos. Vejamos, então, que efeitos discursivos foram identificados pela pesquisa no que tange a essa constituição enunciativa sobre, especificamente, a violência urbana.

²² Divididos em quatro tipos de imagens, tem-se os seguintes números: Imagens de tipo 1 (manchetes de jornal impresso) e tipo 2 (cenas do telejornalismo) somam 39,6%; imagens de tipo 3 (de práticas religiosas) somam 18,7% e, por fim, imagens de tipo 4 (gerais do tipo praças, ruas, prédios etc.) somam 41,7% (FERRETTI SOARES, 2013, p. 170).

²³ Plano Nacional de Direitos Humanos 3.

3.3 Explicação de possíveis efeitos discursivos favorecidos pela articulação dos aspectos genéricos acerca da “violência urbana”

A pesquisa mostrou que a emissora constrói um discurso acerca da violência urbana que focaliza a violência relacionada substancialmente à ideia de propriedade (roubo, assalto, sequestro etc.), o que é possível ver na escolha das manchetes tomadas com fonte de reportagem e veiculadas durante a fala do narrador – “Empresário foi vítima de sequestro”; “Assaltantes matam ciclista em Ipanema”; “Ladrões com granadas assaltam restaurante” etc. Também mostrou que essa violência teria sua origem numa classe de pessoas: a de “bandidos” (que não possuem bens, mas “desejam” possuir), que agiriam contra outra classe: a de “vítimas” (que possuem bens).

Dentro dessa construção, há outros atravessamentos discursivos importantes. Veja-se, por exemplo, a partir do excerto a seguir, o fato de se legitimar a ideia de que a violência contra o patrimônio tem origem no indivíduo (independente do contexto social), portanto, a mudança também estaria no indivíduo “criminoso”, e não na organização da sociedade que é parte importante na construção dessa “criminalidade”. Além disso, e consequentemente, a religião é chamada a trabalhar nesse indivíduo, moldá-lo para a não violência, principalmente em contextos onde vivem grupos pobres, localizados pela dimensão não verbal nas favelas.

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.10.09_Violência urbana_Judaísmo_2' 01"				
Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal	
			Enunciadores	
00:59	27	[...] Manchete de jornal com o título: [Saques e violência na capital]	N:	Integridade
	28	Manchete de jornal com título: [Zona Sul refém da violência] (a câmera vai da primeira palavra à última palavra rapidamente, focalizando-as)		e honestade são postos à prova
	29	Pessoas em situação de rua (dormindo na calçada, andando com trouxas de roupa)		quando o meio priva o indivíduo
	30	Barracos à beira de córrego		de seus direitos básicos.
	31	Pessoas em situação de rua (dormindo na calçada, cobertas por papelão)		As adversidades podem corromper
	32	Pessoas caminhando entre barracos		o caráter do homem?
	33	Jovens brigando (seus rostos estão com faixas pretas, menores (?) (estão na rua)		Pobreza gera violência?
	34	Jovens brigando (seus rostos estão com faixas pretas, menores (?) (estão num banheiro de escola (?)		
		[...]		

Figura 04: Excerto de transcrição de um episódio de O Sagrado: da natureza da violência urbana

Fonte: Ferretti Soares, 2013, p. 185

No excerto acima, ao afirmar que “Integridade e honestidade são postos a prova” (cenas 27 e 28), o narrador trata tais qualidades como inerentes ao indivíduo, como parte de sua natureza, podendo, inclusive, serem colocadas à prova, ou seja, podem ser testadas pelas “circunstâncias sociais adversas”, da mesma forma que se testa a força física, por exemplo. Na dimensão não verbal, a veiculação das manchetes (cenas 27 e 28) ilustra o resultado desse “teste”, diante do qual a honestidade e a integridade de caráter teriam falhado, já que houve o saque (avaliado socialmente como desonestidade, falta de integridade).

Na sequência, a situação social precária a que o narrador se refere, ilustrada pela dimensão não verbal (pessoas em situação de rua, barracos em que não há saneamento básico), é construída discursivamente como algo natural, ou seja, ao afirmar que “o meio priva o indivíduo de seus direitos básicos”, o narrador apaga os agentes humanos que organizam esse meio, afinal, o que é o meio? Quem o organiza?

Por fim, há ainda a eufemização da conjuntura dos grupos em situação de rua e da própria pobreza, que são nomeadas pela emissora como “adversidades” (cena 31). Tal escolha semântica dialoga com um discurso religioso judaico-cristão que naturaliza situações de desigualdade social como se fossem adversidades da vida terrena ou mesmo provações divinas pelas quais os homens simplesmente passam. Em outras palavras, dentro desse discurso, as adversidades devem ser enfrentadas e vencidas pelo homem, de modo que isso o torne um ser humano “melhor”. Não há a problematização da natureza dessas “adversidades”, suas causas, por exemplo.

Ao questionar “As adversidades podem corromper o caráter do homem? Pobreza gera violência?” há o direcionamento de uma resposta negativa, já que nessa estrutura linguística questiona-se o que é afirmado. Em outras palavras, sendo a honestidade e a integridade (entendidas como a não violência contra o patrimônio) parte do caráter do indivíduo, a falha de caráter, nesse sentido, seria uma “corrupção” da própria natureza humana, nesse caso, algo inviável a não ser por culpa do próprio indivíduo que não foi capaz de “suportar as adversidades do meio”.

Por outro lado, no único momento em que aparecem manchetes que remetam à violência praticada por pessoas de classes média ou alta (casos Isabella Nardoni e Suzanne Richthofen), esses não se relacionam com crime contra o patrimônio e são avaliados na dimensão verbal por meio de um discurso de vitimização desses sujeitos autores dos crimes em questão. Vejamos no excerto a seguir:

Localização em Cenas
minutos

Enunciadores

		[...]		
00:34	15	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [LAMA PADMA SAMTEN] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Centro de Estudos Budistas Bodisatva]	1RB:	A primeira forma de violência é nós não termos inserção dentro do mundo humano. Por exemplo, as crianças quando nascem são acolhidas pelas mães e pelos pais, mas nem sempre. Depois dessa etapa de ser acolhido, nós precisaríamos ser acolhidos pelo mundo,
00:55	16	Close-up em braços negros que fazem malabarismo no trânsito	mas nem sempre isso acontece	
	17	Pessoas em situação de rua	também. Quando	
	18	Mulher anda entre barracos	nós examinamos as situações de violência, nós vamos perceber que as pessoas,	
01:04	19	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito	elas foram acolhidas dentro de uma forma desequilibrada. Então de um certo sentido, todos nós somos vítimas, não apenas os agredidos, mas também os agressores.	
01:14	20	Manchete de jornal com o título: [Polícia diz já saber 70% do ocorrido na noite da morte de Isabella]	N: Relações conturbadas	
	21	Manchete de jornal com o título: [Suzane Von Richthofen é dissimulada, diz laudo técnico]	e doentias	
	22	Mulher agredida com braço enfaixado entra num carro, é amparada pela polícia	a violência doméstica é um mal silencioso	
	23	Close-up máximo em barriga de grávida, a mulher acaricia a própria barriga	escondido pela vergonha, pela ameaça,	
	24	Close-up máximo em mãos feridas que fazem trabalhos manuais	cultivado dentro das famílias,	
	25	Close-up máximo em pernas femininas e infantis andando		
	26	Close-up máximo em mãos infantis que desenham	famílias que deveriam estar unidas	
	27	Close-up máximo em mão masculina branca colocando aliança em mão feminina branca	pelo amor.	
		[...]		

Figura 05: Excerto de transcrição de um episódio de O Sagrado: da valoração sobre criminosos e doentes

Fonte: Ferretti Soares, 2013, p. 191

Assim, na medida em que o discurso do religioso constrói um contexto em que as pessoas entendidas como “agressores” deveriam ser consideradas também vítimas (cena 19), a dimensão não verbal veicula as manchetes dos crimes cometidos por pessoas de classe média (cenas 20 e 21). Durante essas cenas, a avaliação do narrador localiza esses “crimes” no âmbito da doença, das relações conturbadas (“relações conturbadas e doentias”), o que é muito diferente da vinculação feita nos casos anteriores, em que cometer um crime era uma escolha de “não resistir à tentação”, um comportamento consciente, que não implica, portanto, essa vitimização direcionada aos crimes dos casos Isabela e Richthofen. Ainda que haja, no início desse excerto, a possibilidade de entender outros grupos (os mais pobres) como vítimas (cenas 16 a 18), nos outros episódios há a ênfase em suas identidades como criminosos, o que não ocorre com os crimes cometidos no interior da família de classe média.

4 Dos possíveis desdobramentos da pesquisa em atividades de leitura crítica na educação linguística

A partir do encaminhamento dado na pesquisa acerca do primeiro tópico, é possível dizer que o trabalho de leitura crítica implica em uma atitude de pesquisa em que se torna central o aspecto relacional entre discurso (semiose) e práticas sociais, das quais o gênero em análise é instância de realização. Nesse sentido, ao se estudar gêneros do contexto midiático, por exemplo, deve-se pressupor alguma pesquisa sobre essa empresa de comunicação enquanto produtora desse discurso (se é comercial ou não, que relação o gênero em questão tem com a política editorial dessa mídia, com os outros gêneros que participam dessa rede de práticas etc.). É importante salientar que, em se tratando de mídia de massa, há pelo menos dois desdobramentos nessa pesquisa sobre as redes de práticas. O primeiro considerando o gênero na rede de práticas da emissora enquanto empresa de comunicação, e o segundo considerando o gênero enquanto parte de uma cadeia de gêneros no âmbito dos produtos veiculados por essa empresa, ou seja, no âmbito dos programas e seus discursos na grade de programação. Daí que *O Sagrado* é uma propaganda institucional indireta tanto por sua relação com práticas de publicidade quanto com os discursos veiculados nas propagandas diretas da emissora (em seu slogan, por exemplo). Essas são, então, formas de se colocar em tensão as relações dialógicas possíveis, embora não únicas na análise do gênero, a fim de se chegar ao consenso de que fala Freire (1967). Didaticamente, a análise empreendida aponta para a

possibilidade de formulação de atividades em que se objetivem a pesquisa por meio do questionamento sobre essas relações entre a língua e a vida, que deem conta, especificamente, da *palavra mundo*, uma vez que, como demonstrado na subseção 3.1, é a compreensão profunda dessas relações que permite a leitura crítica, a transitividade crítica de consciência – imprescindível para o autogoverno (FREIRE, 1967).

Assim, a abrangência dessa atividade de pesquisa pode ser dada pelas contingências do projeto de letramento do qual a leitura crítica de um determinado gênero pode fazer parte. Além disso, esse tipo de pesquisa escolar pode subsidiar a organização de projetos de letramentos que envolvam a construção de mídias da escola, de forma a empreender com os alunos, a comunidade escolar e extraescolar formas contra-hegemônicas de fazer mídia.

No que tange ao tópico abordado na subseção 3.2, um aspecto potencialmente rico a ser trabalhado é a relação entre as diferentes formas de articular estruturas textuais (da entrevista e reportagem, p.e.) e quais os efeitos disso para a construção de representações de mundo. São exemplos de perguntas que podem iniciar o debate: “Que posições discursivas (visões de mundo) são percebidas (ou possíveis) em cada uma das diferentes articulações textuais?”; “Que implicações sobre leituras de mundo têm determinadas estruturas composticionais?”; “Para que identidades de interlocutores apontam determinadas organizações composticionais?” entre outras. Além disso, perceber de que maneira assuntos sociais podem ser abordados enquanto construção discursiva sobre outros assuntos (da religião como objeto discursivo) também é um possível encaminhamento para a leitura crítica de gênero da mídia. Nesse sentido, haveria uma exploração de aspectos da intertextualidade, da polifonia, do dialogismo, por exemplo, o que pode ser também trabalhado pela comparação entre a propaganda direta e indireta. Além disso, inúmeros aspectos da microestrutura textual também estão em jogo aqui, como os operadores argumentativos que aparecem na dimensão verbal, considerando sua extensão para os aspectos não verbais; as formas possíveis de “esfriar” um texto, ou ser eufêmico (da construção locucional de afirmação com força ilocucional de questionamento/pedido etc.), aspecto este que se relaciona com o que os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa chamam de competência discursiva, inclusive.

Por fim, em termos do terceiro tópico analítico, é possível ampliar a discussão com os alunos sobre os efeitos que os discursos construídos têm sobre a construção social. Nesse sentido, um trabalho interdisciplinar é

bem-vindo, sobretudo, buscando gerar o debate sobre as possibilidades de articulação social, tendo como foco da aula de língua portuguesa o papel da linguagem nessas discussões.

Considerações finais

Este artigo buscou discutir as possibilidades de trabalho com a leitura crítica no ensino de língua(gem) a partir da ACG. Assim, por meio da apresentação de uma pesquisa sobre um gênero televisivo híbrido, percebeu-se que, no trabalho com a linguagem, o processo de construção da consciência transitiva crítica (FREIRE, 2006) se articula com o ensino de leitura da *palavramundo*. Tal processo implica, numa convergência entre a perspectiva freireana de leitura e a abordagem analítica em ACG, pôr em tensão possíveis leituras do gênero (superficiais e profundas), de modo que, considerando as diversas dimensões que o compõem (seus interlocutores, projeto discursivo, conteúdo temático, estrutura composicional etc.) e as implicações derivantes das diferentes formas de articular essas dimensões, seja possível a construção da consciência transitiva crítica, tão necessária ao autogoverno.

Referências

- AGUIAR, I. *TV Brasil*: algo novo está no ar: políticas públicas de comunicação no governo Lula. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BHATIA, V. K. Towards critical genre analysis. In: BHATIA, V. K.; FLOWERDEW, J.; JONES, R. H. (Ed.). *Advances in discourse studies*. London; New York: Routledge, 2008.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BONINI, A. Critical genre analysis and professional practice: the case of public contests to select professors for Brazilian public universities. *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão, v. 10, p. 485-510, 2010.

- BONINI, A. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (Org.). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRITTOS, V. C.; BOLAÑO, C. (Org.). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FERRETTI SOARES, V. A. S. *A série televisiva O Sagrado e a prática de publicidade institucional indireta da Rede Globo: uma análise crítica de gênero*. 2013. 278f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- FIGUEIREDO, D. C. F.; BONINI, A. *Recontextualização e sedimentação do discurso e da prática social: como a mídia constrói uma representação negativa para o professor e para a escola pública*. 2015. Mimeografado.
- FLORES, A. P. *Hibridização entre jornalismo e publicidade: análise crítica de publicitários de uma campanha da Johnnie Walker*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GERALDI, J. W. Sobre a questão do sujeito. In: *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.
- GIDDENS, A. *Modernity and self-identity*. Cambridge: Polity, 1991.
- GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- GRACIOSO, F. *Propaganda institucional: nova arma estratégica da empresa*. São Paulo: Atlas, 1995.
- GRUPPI, L. *Conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. (Biblioteca de Estudos Humanos. Série: Teoria política, n. 1.)

- GUARESCHI, P. A. *Comunicação e poder*: apresentação do papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HARVEY, D. *Justice, nature and geography of difference*. London: Blackwell, 1996.
- KLEIMAN, A. *Texto e leitor*: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2013.
- LIMA, V. A.; LOPES, C. A. *Coronelismo eletrônico de novo tipo (1999-2004)*: as autorizações de emissoras como moeda de barganha política. 2007. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/download/Coronelismo_eletronico_de_novo_tipo.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2015.
- MACHADO, M. D. C. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 7, p. 25-54, jan./abr. 2012a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n7/a03n7.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2013.
- MACHADO, M. D. C. Religião, cultura e política. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 32, v. 2, p. 29-56, 2012b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v32n2/03.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2013.
- MACHATO, M. D. C.; PICCOLO, F. D. *Religiões e homossexualidades*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- MACHADO FILHO, C. A. P. *Responsabilidade social corporativa e a criação de valor para as organizações*: um estudo multicasos. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- MARSHALL, L. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus, 2003.
- MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002. p. 17-29.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *DELTA*, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.
- PINHO, J. B. *Propaganda institucional*: usos e funções da propaganda em relações públicas. São Paulo: Summus, 1990.
- REDE GLOBO. *Formatos comerciais*. 2005. Disponível em: <<http://comercial2.rede globo.com.br/midiakit/Documents/PDFs/formatos+comerciais.pdf>>. Acesso em: Acesso em: 5 out. 2013.

REDE GLOBO. “*A gente se liga em você*” é a nova assinatura da Rede Globo. 2011a. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2011/04/gente-se-liga-em-voce-e-nova-assinatura-da-rede-globo.html>>. Acesso em: 5 out. 2013.

REDE GLOBO. *Relatório de ações sociais*. 2011b. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globocidadania/balanco-social-2011>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RODRIGUES, N. C. Leitura nos ensinos fundamental e médio: reflexões sobre algumas práticas. *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão, v. 7, n. 2, p. 215-240, maio/ago. 2007.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 343-364.

SAMPAIO, R. *Propaganda de A a Z*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

SANTOS, S. E-Sucupira: O coronelismo eletrônico como herança do coronelismo nas comunicações brasileiras. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. 2006. Disponível em: <www.compos.org.br>. Acesso em: 5 out. 2013.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STREET, B. V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. V. Os novos estudos do letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 33-52

THOMPSON, J. B. *Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ZIZEK, S. Introdução: o espectro da ideologia. In: ZIZEK, S. (Org.) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 7-38.

Data de submissão: 29/12/2015. Data de aprovação: 20/07/2016.